**HEROÍNAS DO BAIRRO – CULTURA E CIDADANIA PARA CRIANÇAS PEQUENAS**

*Karina dos Santos Cabral[[1]](#footnote-1)*

EMEI Jardim Monte Belo – Prefeitura do Município de São Paulo

 **EIXO TEMÁTICO:** Gênero, raça e cidade

**RESUMO**

Após estudarmos a vida de mulheres de destaque em nossa sociedade, como Carolina Maria de Jesus, optamos por localizar em nosso lugar as mulheres que lutaram para construir, manter e melhorar as condições de vida e cidadania do bairro – nossas heroínas. Esse foi o tema da nossa festa, com arte, dança, partilha, ação comunitária – um trabalho de toda equipe, crianças e famílias. Assim, fortalecemos os vínculos, as crianças puderam compreender e realizar ações de cidadania, e cresceu a ideia de que mulheres são capazes de transformar sua realidade e comunidade quando se unem e lutam.

Palavras-Chave: Educação Comunitária; Infância e Cidadania; Gênero e Cidadania; Luta das Mulheres.

**HEROÍNAS DO BAIRRO – UMA FESTA, UM ESTUDO, UMA COMUNIDADE!**

Este é um relato de excluídas e excluídos... E é desse lugar que falamos. Falamos sobre crianças pequenas, já tão desacreditadas e ignoradas pelos adultos e adultas; falamos sobre gente da periferia, tão estigmatizada. Falamos de escola pública, tão sucateada e acusada de fazer um péssimo trabalho. Falamos sobre mulheres que lutam, migrantes, negros e negras que fazem uma comunidade, um bairro. Sabemos que muitos não nos enxergam; outros sequer queriam que existíssemos. Mas queremos contar que acontece um trabalho pedagógico de alegria e resistência em um lugar muitas vezes esquecido pelo poder público da cidade. Nós lutamos pela escola pública crítica, alegre e feita em comunhão e horizontalidade por crianças e adultas.

Nos colocamos, como educadoras, como parte dessa comunidade que acolhemos em nosso território. Não vemos como seria possível fazer uma educação sem ser assim, sem envolvimento, sem alegria, sem contato, sem respeito, sem diálogo. E por isso, é um relato muito mais apaixonado do que técnico... Que esperamos que dê conta de dizer como esse trabalho foi importante para nós, para nossas crianças e famílias.

O Jardim Monte Belo fica na extrema periferia da cidade. Um bairro relativamente novo em São Paulo, que surgiu da luta de um grupo de gente sem teto. A comunidade formou-se a partir de ocupações de um território geograficamente muito difícil, e cresceu muito, e muito de repente. Como todas as áreas de ocupação em nossa cidade, o bairro demorou a ter a atenção do poder público. Mesmo assim, as pessoas que estavam ali queriam formar uma comunidade para morar, educar seus filhos e acolher seus familiares – a maioria migrante de estados do Nordeste do Brasil. E por isso, por serem pessoas que queriam construir uma vida estruturada ali, as pessoas do bairro desejaram a escola, o posto de saúde, os espaços culturais, que foram separados e guardados para quando fosse possível construí-los.

A escola veio em 2001, e em formato emergencial, sem estrutura nem qualidade de espaço físico. Tudo ali demorou – o asfalto, o transporte público, a água encanada, a coleta de lixo, o serviço de correios, o saneamento básico. E quando boa parte das educadoras chegaram à escola, souberam que aquele bairro era de luta e que precisavam se envolver nas necessidades do bairro, colocando-se nessa roda de cidadania também, como pessoas e como educadoras. Trabalhar na EMEI Jardim Monte Belo transformou a nossa vida. Aos poucos, fomos ouvindo e nos envolvendo nas histórias de conquistas. O conselho de escola, junto com as associações de moradores, muitas vezes foi protagonista das brigas da população. A escola sempre foi um espaço onde a comunidade se reunia, se organizava e fazia o seu papel comunitário.

O tempo passou, muita gente se mudou, outras pessoas vieram. E hoje em dia, embora o poder público tenha oferecido o mínimo de estrutura, ainda se sofre ali por falta de transporte público, falta de vagas nas escolas, falta de médicos e médicas, falta de saneamento básico, pobreza extrema. A geografia do bairro é bastante peculiar – muitos morros e ladeiras. No vale, a nossa EMEI, ao lado de uma EMEF.

Falo em nome de um grupo de educadoras que há quase 20 anos está lá, vendo esse bairro se formar, se estabelecer, e fazendo da escola um espaço da comunidade. É uma escola de crianças pequenas, de 4 a 6 anos. A maioria das educadoras são mulheres; algumas residentes do bairro. Cuidar da formação das crianças há muito tempo tem sido também cuidar da nossa própria formação, como mulheres, educadoras, pessoas, cidadãs. Fazemos um trabalho coletivo, e coletivo de verdade. Acreditamos em uma educação que valoriza e respeita a infância, que é feita junto com as famílias e a comunidade do entorno; uma educação que é intrinsicamente um ato político. Tentamos, todos os dias, fazer uma educação autônoma que respeite as crianças e suas famílias, e que também se ligue às necessidades e carências do povo do bairro. As crianças pequenas podem e devem discutir dentro da escola suas situações de pobreza, violência, preconceito, discriminação, cidadania, planejando e avaliando conosco todo esse trabalho. Nessa construção, nasceram muitas práticas que visam desconstruir a visão adultocêntrica de infância, tentando tornar a escola realmente das crianças, para elas e por elas feita.

O grupo de educadoras sentiu que, junto às mudanças da conjuntura política e social dos últimos anos, veio uma falta de pertencimento da parte das famílias das crianças que frequentavam a escola. As mazelas da sociedade nos alcançam – a pobreza, a violência, o alijamento da cidadania, a dificuldade política, a falência das políticas públicas para quem mais precisa. Foi ficando clara a necessidade de trazer de volta essa história de lutas do bairro, e em especial, a luta das mulheres que fizeram aquela comunidade desde o princípio, e renovar nas pessoas essa vontade de ser e estar em grupo.

Nosso trabalho descrito aqui envolveu todas as crianças da escola (cerca de 400 alunos), suas famílias e toda a equipe da escola. Foi realizado durante todo o ano de 2018, e culminou na V Festa da Cultura Brasileira, realizada no final do mês de novembro. Reverbera até hoje em nossas práticas diárias com as crianças.

No ano de 2017, fortalecemos a ideia de romper com as comemorações formais de datas sem significado na escola; nossa festa da cultura brasileira já tinha tido como tema a cultura dos povos africanos, dos povos indígenas; já tinha homenageado grandes nomes da música popular, já tinha festejado a cultura nordestina. Ela veio em substituição à festa junina, e foi ganhando um caráter bem diferente ao longo dos anos. Junto a isso, crescia também um trabalho pedagógico que valoriza e acredita na capacidade das crianças – um Projeto Político Pedagógico construído com a comunidade e que é focado nas relações, na reorganização dos espaços, na autonomia das crianças, na mistura de todas as salas e idades, e que tem como resultado projetos como o “Alegrias de Quintal”, em que as crianças podem escolher suas atividades, relações, propostas, tempos, espaços e materiais.

Trabalhando com biografias de Frida Kahlo e Carolina Maria de Jesus em propostas com as crianças, a partir dos próprios comentários delas, começamos a pensar em quais seriam as mulheres significativas na história do nosso bairro; a história de Carolina com seus diários – uma mulher negra, periférica, lutadora, mãe, estudiosa – inspirou demais as crianças, fazendo com que se identificassem como alguém que pode produzir cultura e pensar sobre sua realidade; os diários das crianças traziam as heroínas de suas vidas, suas mães, tias, avós, irmãs. Percebemos que se fazia cada vez mais necessária um aprofundamento da questão da mulher na sociedade, e também a valorização da cultura do bairro.

Muitas famílias ali eram novas na região, e não sabiam da história de lutas e conquistas da comunidade de alguns anos atrás. Fomos identificando as heroínas do bairro e fomos atrás delas. Elas ainda estão lá, e ficaram contentes em reviver conosco essa história.

Nosso objetivo, além de valorizar a arte e cultura da periferia, era mostrar que aquele povo poderia, através da luta coletiva e da organização da comunidade, fazer valer a cidadania e mudança.

Encontramos essas mulheres, ouvimos e escrevemos suas histórias, e as trouxemos para conversar com as crianças. Elas disseram como lutaram para que o bairro tivesse água encanada, como sequestraram um ônibus para exigir transporte público, como alimentaram crianças com fome, como organizaram cooperativas de coleta de lixo, como fizeram para que fosse construídas as escolas dali e os postos de saúde. A partir dessas histórias, fomos pensando em propostas que sensibilizassem e abrissem debates com as crianças. Foram instalações, brincadeiras, pinturas, arte, conversas, vídeos, tantas formas de fazer as crianças entrarem nessas histórias e produzirem materiais importantes junto conosco. Em torno delas, suas histórias e suas lutas, identificamos outras heroínas de nosso tempo, e fizemos uma festa, com arte, música, cultura local, comidas... Tudo voltado para a história da comunidade, sob a ótica daquelas mulheres.

Foi um dia lindo, de troca entre as pessoas, de alegria para as crianças e formação para todos e todas. Nesse caminho, muitas discussões sobre o poder do coletivo, sobre feminismo e luta feminina, sobre racismo, sobre discriminação e sobre cidadania. Essas portas foram abertas, e foi muito bonito todo o resultado.

O resultado desse trabalho vemos até hoje. A festa deste ano de 2019 foi sobre direitos humanos, e as histórias das nossas heroínas continuam nos guiando e sendo referência.

Com todo esse percurso, aprendemos muitas coisas. Ficou claro que a comunidade precisa da escola, e a escola precisa da comunidade, e que esse ciclo nunca pode ser imposto ou colocado de maneira distante; precisa ser construído em conjunto. Aprendemos também que as crianças são capazes de muito mais coisas do que imaginamos. Elas podem entender o racismo, o preconceito, a discriminação de gênero, a violência simplesmente porque vivem essas realidades, estão expostas a elas e não podem ser abandonadas para pensar sobre isso sozinhas; precisamos ouvi-las, falar com elas, viver coisas que criem espaços de reflexão. A valorização que vemos nos olhos de todos e todas ali em uma situação como essa é marcante e profunda.

Acima de tudo, aprendemos que, o projeto pedagógico de uma escola não pode ser realmente coletivo se não nos arriscarmos a romper as barreiras invisíveis que estão nos cercando. Precisamos romper a distância entre a escola e a comunidade, entre as crianças e os adultos, entre as educadoras do apoio e as professoras, entre homens e mulheres, entre periferia e centro da cidade. Essas distâncias se encurtam à medida que refletimos sobre elas e, com coragem, delicadeza e resistência, vamos nos aproximando, e nos transformando. Esse é o currículo, o Projeto Político Pedagógico, o Planejamento, o fazer pedagógico que queremos: o fazer que é junto, que é partilhado, que é pensado e refeito na prática. Somos educadoras, mulheres e cidadãs melhores depois dessa experiência, e temos certeza que essa mesma transformação alcançou as crianças, suas famílias e sua comunidade.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CABRAL, Karina. “**Dias Legais para Comemorar – Nossa Visão Sobre Datas Comemorativas**”. Blog Gira Cirandinha, EMEI Jardim Monte Belo. São Paulo, 2015. Disponível em <<https://giracirandinha.wordpress.com/2015/04/02/dias-legais-para-comemorar-nossa-visao-sobre-datas-comemorativas/>> ( Acesso em Outubro de 2019 )

FAVILLI, Elena. **Histórias de Ninar para garotas rebeldes – cem fábulas sobre mulheres extraordinárias**. São Paulo: Vergara & Ribas Editora, 2017

FREIRE, Paulo. “**Pedagogia do Oprimido – 50 ed**”. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

JESUS, Carolina Maria de. “**Crianças da Favela**”. In: Revista do Magistério, Ano 8, nº 24, pp 18-19, Dez/1960

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

KAHLO, Frida. **O diário de Frida Kahlo – um autorretrato íntimo.** Rio de Janeiro – José Olympo, 2015

OSTETTO, L. E.“**Planejamento na Educação Infantil: mais que a atividade, a criança em foco**”. 2001. Disponível em <<https://docplayer.com.br/69859-Planejamento-na-educacao-infantil-mais-que-a-atividade-a-crianca-em-foco.html>> ( Acesso em Maio de 2019 )

PEREIRA, Amilcar Araujo. “**Educação e Diversidade em Diferentes Contextos**”. Rio de Janeiro: Pallas, 2014

SANTOS, Maria Walburga ( org ). **“Eu ainda sou criança – educação infantil e resistência”.** São Carlos – EdUFSCAR, 2018

SÃO PAULO ( SP ) – SME – DOT. **Currículo Integrador da Infância Paulistana**. São Paulo: SME/DOT, 2015

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Currículo da Cidade: Educação Infantil**. São Paulo: SME/ COPED, 2019.

SOUZA, Duda Porto de. **Extraordinárias – Mulheres que revolucionaram o Brasil.** São Paulo: Editora Seguinte, 2015.

ZERO, Project e CHILDREN, Reggio. **Tornando Visível a aprendizagem: crianças que aprendem individualmente e em grupo.** São Paulo: Phorte, 2014.

1. Pedagoga (UFSCAR), Psicóloga (UNIPAULISTANA), Arteterapeuta (UNIFIEO). Professora da EMEI Jardim Monte Belo, São Paulo, SP, Brasil. Contato: karicabral@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)